

CHEGA DE TABU! A SEXUALIDADE SEM MEDOS E SEM CORTES

Djanira Soares O. ALMEIDA¹
Raphaela Leoni da COSTA
Tais Mateus da SILVA

Resumo: Este artigo relata a experiência do desenvolvimento do projeto, Adolescência: Identidade, Sexualidade e Relações de Intimidade. Este é vinculado a Instituição de bolsa Núcleo de Ensino da Unesp-Franca, e é direcionado aos discentes do ensino fundamental da rede oficial de ensino, especialmente aos alunos da oitava série. Iniciou-se em abril do ano de 2005 e teve continuidade até dezembro do mesmo ano. A metodologia é fundamentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais Transversais, explorando a sexualidade do adolescente e os diversos assuntos relacionados a esta. Os temas Adolescência, Sexualidade e Orientação Sexual foram discutidos ao longo dos módulos do projeto, e assim após a construção destes conceitos junto aos adolescentes, o objetivo de ajudá-los a passar por esta fase tão difícil e principalmente, de difundir a idéia do agente multiplicador foi cumprido.

Palavras-chave: adolescência; sexualidade; orientação sexual.

É um trabalho complexo, porém necessário o do educador sexual, que tem que acompanhar o crescimento e amadurecimento da sexualidade dos seus alunos e ensiná-los a lidar com ela, sem criar dificuldades de relacionamento no ambiente familiar. Ou seja, o profissional deve educar mais sem impor padrões morais ou normas que se sobreponham as da família.

Família esta, que nem sempre está presente na criação de seus filhos, ou quando está nem sempre consegue educá-los, devido a grande dificuldade que o assunto envolve, pois muitos pais buscam receitas, respostas prontas para lidar com a sexualidade dos filhos, e não usam de um atributo poderoso e efetivo: a naturalidade.

Segundo Suplicy (1988) não há maneira certa ou correta de se educar os filhos, nem uma maneira de agir com a sexualidade deles, que elimine todos os problemas. É necessário, que se ensine, já que as dúvidas não cessarão, e que antes de tudo, crie um ambiente familiar sem repressões, onde qualquer assunto que a respeito da sexualidade não seja proibido, e onde as informações sejam honestas, verdadeiras e naturais.

O presente trabalho foi desenvolvido em uma escola pública localizada na área central, e outra localizada na periferia, e buscou-se nelas, a obtenção de respostas para a dificuldade de relacionamento entre pais e filhos na adolescência, e as diferenças entre a composição das famílias, e como cada uma lida com isso. Mas não foram somente estes questionamentos sobre as famílias que impulsionaram o projeto, já que este abrange também

¹Professora Doutora do Departamento de Educação Ciências Sociais e Política Internacional da FHDSS/UNESP/Campus de Franca.

temas como o papel do professor na orientação sexual da criança e do adolescente, sobre a própria sexualidade do adolescente entre outros...

Mas, voltando às famílias podemos notar que as que moram na periferia teriam tem uma estrutura familiar diferente das que moram na área central da cidade. Estas nem sempre são compostas pelo tradicional forma "papai mamãe e eu", nota-se a ausência na maioria dos casos da presença paterna, e a presença de "agregados" (como tios, avós, primos e outros) na casa.

O que cria muitas vezes problemas na cabeça da criança, ou do adolescente que não consegue distinguir a quem recorrer, um modelo para observar e seguir, não tem um referencial, devido à diversidade de opiniões, valores e costumes presentes em cada morador da casa.

Os que têm modelo, normalmente não conseguem segui-lo já que os pais trabalham demais para poder sustentar a casa, e tem pouco tempo, pouca paciência e muitas vezes pouca habilidade para ajudar seus filhos a lidar com o turbilhão de dúvidas sobre a adolescência, sexo e sexualidade. Mas, vale lembrar que esta dificuldade em lidar com este assunto não é característica apenas das famílias da periferia. Já no centro, a maioria conserva a forma "tradicional" ("papai mamãe e eu e meus irmãos"), mas isso não implica necessariamente numa maior facilidade de encontrar padrões a seguir, e nem de liberdade para discussão.

Esta dificuldade toda esta ligada ao fato de que as pessoas não conseguem ver a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, algo natural e instintivo. Parece que falar de sexo sempre foi ligado sacanagem, ao sujo, ao mau. Ao contrário do que muitos associam, a sexualidade não tem papel exclusivamente ligado à reprodução, de intenção erótica. Esta tem, sobretudo a função relacional.

Está presente desde o nascimento do bebê e assim como ele vai passar por diversos estágios até atingir a sua maturidade. É na infância que os alicerces da sexualidade começam a ser construídos, a criança desenvolve a sua capacidade de se ligar afetivamente a alguém, descobre que situações a excita, constrói sua identidade sexual, autoconfiança....

As questões relativas à sexualidade ainda provocam tremores, já que estamos tratando de um diálogo entre diferentes gerações, e os pais nem sempre compreendem que seus valores e idéias não vão mais de encontro às necessidades de seus filhos. É certo que a preocupação da maioria dos pais é proteger os filhos de uma vida sexual frustrante. E muitos talvez o façam por experiência própria, só que à carga de tabus e preconceitos que eles carregam, criam determinadas imposições que acabam com o diálogo, e prejudicam cada vez mais a relação entre pais e filhos.

Mesmo que os adultos tenham consciência da responsabilidade de evitar que os filhos sofram como eles ao enfrentarem os próprios problemas sexuais, pouco se faz para orientar o adolescente “. (MOACIR COSTA)

É imprescindível que se discuta: Afinal, a educação sexual da criança e do adolescente é responsabilidade de quem?

Seria indispensável que a primeira educação fosse dada pelos pais, já que os filhos não nascem educados e nem se auto-educam. Eles precisam que os pais os ensinem a andar, falar, comer, como se portar perante a sociedade, os valores e normas...

A psicóloga Rosely Sabão fala sobre a responsabilidade dos pais e da escola na educação dos jovens:

E ninguém nem a escola, nem os pais assume a sua. Tanto a família quanto à escola devem educar. A família tem que educar para que seu filho aprenda a ser humano. Porque a gente não nasce ser humano, a gente nasce filhote. O que significa ser humano? Significa perceber que existem relações familiares, que existe respeito, que há afetado envolvido o que supõe amor e ódio, que existem expectativas. Ensinar as tradições, os princípios, a moral dessa família, isso é ensinar a ser humano. Agora, os pais não têm como ensinar os filhos a se comportar em um espaço público. Isso é dever e obrigação da escola.(Sabão, 22/09/2000, on-line).

E acrescenta:

Eu acho tão importante à educação sexual na escola. A escola é o espaço onde os profissionais deveriam estar preparados para discutir isso (...) Não precisa ser aula de educação sexual. Na aula de história, ou com um texto de literatura, pode-se discutir isso “. (Soya, 22/09/2000, on-line)”.

É de extrema importância que este assunto seja tratado na escola, mas tem que existir também uma efetiva parceria, ou seja, os pais não devem delegar e limitar este assunto apenas no âmbito escolar. Para que isto aconteça é necessário que a escola dê um retorno aos pais do que está sendo visto, convide os pais para assistirem debates juntamente com os alunos e estar aberta para orientá-los no caso de não saberem como lidar com os questionamentos dos filhos.

A criança chega na escola com todo tipo de falta de informação e geralmente com uma atitude negativa em relação ao sexo. As dúvidas, as crendices e posições negativas serão transmitidas aos colegas “. (SUPLICY, 1983, p. 49)”.

No decorrer do projeto, algumas atividades foram sugeridas inclusive um questionário com perguntas, das quais, algumas merecem maior destaque, duas foram escolhidas: Você fala sobre sexo com seus pais? E Você gostaria de falar mais sobre sexo com seus pais?

Os dados obtidos na pesquisa de campo, embora com uma amostra reduzida, possibilitam a reflexão de como é a relação entre pais e filhos na hora “H”, na hora de falar sobre sexo. Veja no quadro abaixo o que os alunos responderam:

Na escola “EE Evaristo Fabrício”(periferia), dos 30 alunos da 8ªA, dos 32 da 8ªB, e dos 30 da 8ªC que responderam ao questionário podemos notar:

PERGUNTAS	Fala sobre sexo com seus pais?		Gostaria de falar mais sobre sexo com seus pais?	
RESP. SALAS	SIM	NÃO	SIM	NÃO
8ªA	18	12	16	14
8ªB	10	22	11	21
8ªC	12	18	14	16

Os motivos dos 12 alunos da 8ªA, dos 22 da 8ªB, e dos 18 8ªC da que responderam que não conversam sobre sexo em casa:

MOTIVOS	8ªA	8ªB	8ªC
OS PAIS NÃO TEM TEMPO	3	10	5
VERGONHA	7	7	9
OUTROS	2	3	3

Na escola “EE Professor Mário de D’Elia” contando os 33 alunos da 8ªA e os 30 da 8ªB responderam aos questionários, podemos notar:

PERGUNTAS	Fala sobre sexo com seus pais?		Gostaria de falar mais sobre sexo com seus pais?	
RESP. SALAS	SIM	NÃO	SIM	NÃO
8ªA	10	20	14	16
8ªB	23	10	10	23

Os motivos dos 20 alunos da 8ªA e dos 10 da 8ªB que responderam que não conversam sobre sexo em casa:

MOTIVOS	8ªA	8ªB
OS PAIS NÃO TEM TEMPO	6	1
VERGONHA	10	7
OUTROS	4	2

Na periferia, podemos notar que a maioria não conversa sobre sexo, e muitos não tem vontade de conversar devido aos motivos já listados na tabela acima. Já no centro é notável que os que NÃO gostariam de falar mais sobre sexo em casa são aqueles que já falam bastante, por isso não precisam segundo eles de mais informações, já tem o suficiente. O que podemos notar nestas tabelas é que os adolescentes querem mais informações, discussões, enfim, anseiam por maior conhecimento do assunto. É também possível notar que eles querem que o assunto seja, como já foi citado, tratado como ele é, de forma natural.

E como essas informações não são conseguidas em casa, eles recorrem aos “colegas sabe-tudo”, que na maioria das vezes sabem muito pouco e acabam deturpando fatos e informações, criando dúvidas ainda maiores.

O Papel do Professor

Para educar é preciso que o educador esteja preparado para tal tarefa, preparado para enfrentar todo e qualquer tipo de situação adversa.

Como reage um funcionário que pega duas crianças, por exemplo, duas meninas se beijando, ou se acariciando? Será que esta pessoa está preparada para lidar com isso? O que fazer neste caso? Uma pessoa despreparada, imediatamente gritaria, espantar-se-ia, mencionaria palavras que poderiam humilhar, ou mesmo espalharia entre outros funcionários ao invés de encaminhá-los ao setor de orientação para que o orientador possa conversar, explicar as diferenças entre meninos e meninas, falar da homossexualidade, enfim, o que ocorrer.

A escola deverá estar precavida para enfrentar estas situações e outras situações, que poderão ocorrer em qualquer idade, e preparar seus funcionários desde os auxiliares da limpeza, porteiros, recepcionistas, secretárias enfim, todo corpo de funcionários.

Através dos jogos infantis a criança testa sua sexualidade, a percepção das diferenças no próprio corpo e no corpo do outro, a descoberta das carícias e a fonte incontestável de prazer que o sexo representa (não o ato em si, mas as carícias como já foi ressaltado) são naturais nesta idade, que é uma fase de descobertas das diferenças sexuais, em que a curiosidade é natural. Para enfrentar esta fase sem problemas a melhor saída é comprar um livro infantil sobre sexo que mostre, através das ilustrações, as diferenças entre meninos e meninas entre homens e mulheres, e sempre que a criança mostrar interesse, conversar sem fazer alarmes.

É difícil falar, em sala de aula, sobre, por exemplo, temas como a homossexualidade, principalmente quando há um aluno homossexual que os colegas ainda não estão amadurecidos para aceitá-lo ocorrendo, desta forma, piadas e risos que machucam e levam à baixa auto-estima, podendo ter, como consequência, baixa no rendimento escolar, desânimo de ir à escola, falta de sociabilidade (a pessoa ou tende a se excluir pela falta de aceitação ou tende a ser excluída por preconceito). O orientador deverá incluir na sua fala temas como respeito e preconceito.

É também um desafio, falar de abuso sexual, ainda mais quando se sabe que alguém já foi vítima deste drama. Em sua grande maioria, a vítima não tem capacidade de discernir que foi abusada e conseqüentemente não saberá proteger-se. A vítima sente vergonha, insegurança, medo e culpa pela situação achando que ela provocou o abuso.

Os danos causados não ficam apenas no âmbito físico, ficam principalmente psicológicos prejudicando o desenvolvimento de sua personalidade. Em geral os sintomas são aparentes: relaciona-se mal e pouco com outras crianças, demonstra timidez, depressão e insegurança; apresenta, muitas vezes, nervosismo, comportamento compulsivo e distúrbios de sono.

Porém o orientador não poderá intimidar-se. É necessário informar, discutir, ouvir e orientar falando de forma clara para que possam compreender que é algo errado, que a pessoa não deve se sentir culpada pelo que está acontecendo e a importância da denúncia, sem, no entanto mencionar o nome da vítima, é claro. Desta forma espera-se que o aluno que estiver passando por esta situação, adquira confiança no orientador a ponto de se abrir em particular e pedir ajuda.

O objetivo da educação sexual na escola consiste em colocar professores com um preparo adequado e desempenhar de forma significativa seu papel, ajudando os alunos a superarem suas dúvidas, ansiedades, angústias, pois.

A criança chega na escola com todo tipo de falta de informação e geralmente com uma atitude negativa em relação ao sexo. As dúvidas, as crendices e posições negativas serão transmitidas aos colegas “. (SUPLICY, 1983, p. 49)”.

Educação sexual não significa apenas passar informações sobre sexo, mas sim promover o contato, transmitir valores, atitudes, comportamentos. É importante observar se estes educadores estão preparados psicologicamente para falar sobre sexo. Já que muitos destes orientadores não possuem a própria sexualidade bem resolvida, tendo problemas com seu parceiro ou consigo mesmo em relação ao sexo, e em seu discurso, passam um tom de frustração e inquietação.

De acordo com Teles "As pessoas encarregadas de orientação sexual na escola devem ter autenticidade, empatia e respeito. Se o lar está falhando neste campo, cabe à escola preencher lacunas de informações, erradicar preconceitos e possibilitar as discussões das emoções e valores" (1992 p. 51).

Os professores também devem evitar tocar nos assuntos em tom de verdade absoluta. Sabemos que é impossível a neutralidade e nem devemos ser neutros, mas é importante que as questões sejam lançadas, refletidas, discutidas, sem que haja apenas uma resposta correta.

Esclarecer os limites também faz parte do papel do orientador, como por exemplo, o que se pode fazer em locais públicos e privados para que a intimidade seja preservada. Isso cabe principalmente às crianças que ainda não possuem esta noção bem definida.

Falar sobre a aprovação das brincadeiras sexuais, do consentimento do outro, é muito importante. Explicar que tais brincadeiras não devem ser feitas entre adultos e crianças ou entre crianças e adolescentes.

Deve existir também uma efetiva parceria, ou seja, os pais não devem delegar e restringir este assunto apenas no âmbito escolar. Para que isto aconteça é necessário que a escola dê um retorno aos pais do que está sendo visto, as reações dos alunos, temas que estão em pauta, convite aos pais para assistirem debates juntamente com os alunos e estar aberta aos pais para orientá-los no caso de não saberem como lidar com os questionamentos dos filhos.

Alunos com desempenhos ruins podem estar passando por problemas ou crises, o que é muito comum na adolescência. Desenhos pornográficos nas portas dos banheiros, nas carteiras, agressividade uso de palavrões relativos ao sexo já merece uma atenção especial. São formas que o adolescente utiliza para expressar seus medos, angústias e distorções. Cabe ao professor, ajudá-los na superação desta fase tão difícil para muitos tendo como objetivo o esclarecimento e amadurecimento do indivíduo.

De acordo com o PCN's transversais nos quais contam temas relativos a diversas áreas tais como Orientação Sexual, as escolas que tiveram bons resultados com a orientação sexual, relatam resultados aumento do rendimento escolar, devido ao alívio de tensão e preocupação com questões da sexualidade e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transição para sexualidade adulta envolve mais do que as mudanças físicas que ocorrem na puberdade, envolve mudanças de interesse, atitudes, figurino, gostos entre outras. E a primeira etapa desta transição naturalmente seria adquirir conhecimento sobre algo que está entrando em ebulição, dentro de cada um daqueles que estão passando por esta fase: a sexualidade. Lidar com esta é um caminho difícil, mas precisa ser analisada e repensada, buscando a satisfação dos sentimentos e impulsos de cada indivíduo.

É um desafio a quebra do silêncio, do tabu, e da vergonha e finalmente o diálogo entre pais, filhos e educadores. Este é o caminho para tomar uma postura sem preconceitos que aceita o outro de forma integral, como pessoa e entende as suas necessidades, os seus instintos e o ajuda a trabalhar com as suas dificuldades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALDERONE, Mary Steichen & RAMEY, James W. Falando com seu filho sobre sexo: perguntas e perguntas e respostas para crianças do nascimento até a puberdade. São Paulo: Summus, 1986.

GTPOS, ABIA, ECOS. Guia de Orientação Sexual. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 1986.

SUPLICY, Marta. Conversando sobre sexo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

_____. Sexo se aprende na escola. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

TELES, Maria Luíza Silveira. Educação, a revolução necessária. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

Sites da Internet

< <http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0040.asp> >

<<http://simaiapsicopedagoga.ubbihp.com.br/artigos.htm>>